Recital
Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

NÃO DESÇA OS DEGRAUS SOZINHO, TIO JALES!

Leonardo Luiz Silveira SILVA
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Salinas
leonardo.silveira@ifnmg.edu.br

Nada como um dia após o outro! O jovem Lenson Donavan poderia sem nenhuma dúvida apelar ao inesgotável clichê. Conseguir o emprego que sempre sonhou e em seguida conviver com uma tragédia era o suficiente para expandir os seus horizontes emocionais. O jovem advogado havia assumido importante cargo na área contábil na prefeitura daquela pequena cidade em que vivia e sempre viveu: Whisper Creek, Arizona. O lugarejo mal podia contar as vinte mil almas naquele fatídico mês de outubro do ano de 1984. Situada próxima a Flagstaff, era uma cidadezinha cansada, envelhecida e empoeirada pela aridez daquelas bandas. Mas era o lugar de suas memórias. Não tinha a ambição de alguns de sua idade, de partir para uma vida cosmopolita típica das grandes metrópoles. Opção difícil de ser explicada para alguém de sua geração. É como Evans Pritchard poderia explicar a relação entre os Nuer e o deserto africano: ninguém os poderia convencer de que aquele deserto não era o melhor lugar do mundo para se viver. Apesar do provincianismo, a tímida cidade era um lugar de passagem. As longas estradas retilíneas que nela entroncavam eram um convite à velocidade. O rapaz que teimava partir dos confins do Arizona rumo ao globalismo cosmopolita perdeu ali alguns personagens de sua infância. Ninguém extremamente próximo ao ponto daquelas vias se posicionarem em um lugar especial nos seus sentimentos. Pelo menos até então.

As gigantescas carretas de quarenta metros de comprimento ou um pouco mais testavam a paciência dos motoristas que ficavam bons minutos aguardando o momento certo da ultrapassagem. Foi uma dessas carretas que impacientou o seu pai. No sábado pela manhã, um dia depois de ter sido comunicado acerca do novo emprego, Lenson foi chamado para reconhecer os corpos dos seus genitores. Frederic e Julia Donavan. Agora estavam sobre mesas de metal frio aguardando pela chegada do seu único filho. Estraçalhados antes que pudessem cumprimentá-lo e discutir sobre as possibilidades do mesmo não ser mais um daqueles depressivos adultos de Whisper Creek que não conseguiram deixar a cidade antes de

envelhecer. Os rostos desfigurados não serviam para identificar nada. As roupas bastante encharcadas de sangue facilitaram o reconhecimento das vítimas. Naquele duríssimo momento, sentia o peso do isolamento. Os poucos parentes que mantinha contato moravam na costa atlântica do país. Culpa da escolha de Frederic e Julia. Os dois se casaram e logo mudaram para o Arizona, onde nascera seu único filho. Para entender o isolamento, era importante destacar que Lenson perdera os avós muito cedo, antes mesmo que pudesse atingir uma década de vida. Alguns dos seus primos, pesarosos pelo difícil momento atravessado pelo rapaz, insistiram para que o mesmo não passasse pela dura experiência de reconhecimento do corpo. Poderiam ficar responsáveis pela mórbida tarefa. O mais novo órfão da família não se importou com o tamanho do fardo e, olhando para aquela massa de carne esmagada, balançou a cabeça positivamente para a autoridade responsável. Aquele sujeito, inclusive, insistia em contar ao enlutado rapaz os detalhes do acidente. O máximo que conseguia guardar eram palavras desconexas: contramão, buraco, choque frontal. Para o entristecido jovem não era importante formar frases em sua cabeça naquele momento.

No velório, caixões fechados. Não havia milagre que alguém pudesse fazer para que aqueles dois estivessem apresentáveis. A tragédia foi intensa e poucos eram os que prestavam homenagens. Naquele salão público era possível contar os parentes presentes com as duas mãos. Eram seis deles. Dois primos que já não os reconhecia mais, tal era o efeito do tempo sobre eles. Pelos nomes, quando foi cumprimentado, resgatou uma imagem na mente que não era advinda de uma experiência concreta: era o velho álbum dos pais que registrava a sua última viagem à Richmond, Virgínia. Retratado em uma fotografia, Lenson não tinha mais do que sete anos e estava ao lado dos dois jovens que estavam ali presentes. No outro canto da pequena sala do velório, estavam duas senhoras que educadamente lhes deram pêsames e tratavam o jovem órfão como um companheiro de longa jornada, apesar de não fazer a mínima ideia de quem eram tais senhoras. Naquele caso, nem mesmo os álbuns velhos, pelos quais tinha certo apreço, contribuíam. Por fim, dois rostos mais conhecidos: seus tios Tara e Jales Donavan. Eram os seus únicos parentes que moravam em uma distância menor do que os mil quilômetros. Viviam em um lugarejo ainda menor do que Whisper Creek. Tratava-se de uma pequena comunidade que sequer possuía autonomia administrativa. Conhecida como Severant, tinha um pouco mais de 4.000 moradores. Localizava-se a cerca de 30 milhas de Whisper Creek, sendo o fato dos tios morarem tão próximos uma grande coincidência geográfica, sobretudo no contexto de uma família pouco extensa e concentrada na costa Atlântica. Naquele tempo, os tios já eram septuagenários e Jales, em especial, apresentava alguma dificuldade de mobilidade, o que contrastava com a relativamente com a sua arisca esposa, Tara. Sempre simpáticos, foram muito importantes emocionalmente, com gestos e ações mais significativos do que aqueles outros quatro familiares que estavam ali no salão do velório se comportando como se fossem operários em uma fábrica posicionados à frente de um relógio de ponto. Tara e Jales chegaram ao salão do velório com uma coroa de flores. Ainda naquele velório, Jales, advogado aposentado, ofereceu assessoria jurídica com as questões associadas ao erário.

O patrimônio que estava à espera de Lenson incluía o apartamento em que vivia, dois automóveis e uma loja no centro comercial de Whisper Creek, que no momento estava locada para um empreendedor que apostou em um centro de formação de condutores. Cuidando de toda a burocracia do *post mortem*, o jovem recebeu o convite de um dos seus primos que esteve presente na cerimônia fúnebre para se mudar para Richmond. Agradecido, mas ciente de que o momento era propício à sua permanência na cidade em que nasceu, rejeitou, o que se explica principalmente pelo novo emprego e pelo pequeno empreendimento familiar.

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

O tempo foi curando as feridas abertas pelo traumático incidente e a ocupação com o novo trabalho ajudava a não pensar em todo momento na dolorosa perda. Avaliava constantemente a possibilidade de se mudar para Richmond. Teria parentes por perto, mesmo que não fossem tão íntimos, e poderia receber alguma ajuda para se colocar no mercado de trabalho por lá e quiçá prolongar seus estudos em uma urbe de maior expressão. Por outro lado, via a possibilidade de empreender na sua cidadezinha, à medida que usou o dinheiro do carro e parte de suas economias para comprar a loja ao lado daquela que já alugava. A transação comercial foi feita com a vizinha, antes mesmo que àquela sempre receptiva senhora pudesse colocar um anúncio na porta do estabelecimento. A então proprietária do imóvel procurou o rapaz oferecendo-o, ciente de que Lenson poderia ter interesse pelo fato de já ser dono da loja ao lado.

Economicamente tudo corria bem. Emocionalmente, um vazio. Dois meses depois da tragédia, um sentimento de culpa pela percepção de que cometia ingratidão tomou conta do jovem. No último mês daquele inesquecível ano, mais precisamente nos seus últimos dias, pensou que já deveria ter ligado há muito tempo para seus tios Tara e Jales. Não tinham uma relação muito estreita, é verdade. Mas a gentileza e a prontidão prestadas no momento difícil merecia retribuição. O Natal iria ocorrer em duas semanas. Quem sabe não poderia passar o feriado com os tios? Foi justamente na sexta-feira do sétimo dia daquele mês, logo após o almoço, a vontade de telefonar para os tios tomou conta. Estava convicto de que chegaria em casa e ligaria para Tara e Jales Donavan. Eis que do escritório da prefeitura, no local de trabalho, pode ver o céu se transformando de maneira incomum para aquela cidade e para aquela época do ano. O tempo escureceu e anunciou uma tempestade. Uma senhora que trabalhava na limpeza da sala olhou para a janela e, suspirando, anunciou:

– Olha o juízo final!

Comentário apropriado se não for levado ao pé da letra, dado o caráter incomum da nebulosidade que tomou conta de Whisper Creek. Nuvens espessas, negras, e trovões. O homem que dividia o escritório com Lenson, que já era um senhor que entrava na casa dos sessenta anos, comentou:

– Aposto que ninguém está de posse de um guarda-chuva. Todos chegaremos em casa como pintos molhados. Mas que diabos! Temporal no Arizona!

A chuva ainda não caía. Quanto mais se aproximava do final do seu expediente, o céu parecia se tornar ainda mais negro, acompanhado de trovoadas cada vez mais frequentes e o vento mais acelerado. Tentando se adiantar frente a provável tempestade, Lenson deixou o trabalho cerca de vinte minutos antes do seu horário habitual. Quando chegou ao amplo estacionamento, a tempestade desabou. Correu em direção ao carro de maneira atabalhoada. Enfim, estava protegido da chuva dentro do carro, não antes que a sua roupa estivesse bastante molhada. Ligou o rádio do carro e ouvia as notícias enquanto relembrava do forte compromisso que havia instalado em sua mente: ligar para seus tios ainda naquele dia. Em meio à chuva e ventania, o galho de uma árvore desprendeu-se e caiu sobre o carro, o que apressou a inevitável ida para casa. Parou em frente ao pequeno bloco de apartamentos e desceu, encharcando-se ainda mais.

Entrou finalmente no apartamento, posicionado no terceiro e último andar daquele prédio. Não podia pensar em outra coisa naquele momento além de um banho quente, tal o estado de sua roupa. Saindo do banho, ainda enrolado na toalha, olhou para o telefone e pensou em ligar para os tios. Quando deu dois passos em direção ao aparelho, coincidentemente, naquele instante, o mesmo passou a tocar. Não esperava por ninguém. Depois da morte dos pais, Lenson se afastou bastante dos amigos. Tornou-se introvertido e sombrio, portador de um pessimismo altamente

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

contagiante. Não mantinha relacionamento amoroso e tinha o foco nos negócios e no trabalho. Com curiosidade, atendeu o telefone:

– Alô?

– Garoto? Você está aí? – Perguntou uma voz rouca característica.

– Tia Tara? – Perguntou o rapaz achando aquilo uma incrível coincidência.

– Seu tio sofreu um acidente... [pausa] ...terrível. Sangue para todos os lados...

A ligação perdeu a qualidade rapidamente. As palavras começaram a ficar inaudíveis. O jovem ainda insistiu:

– Espere por mim. Pegarei a estrada agora mesmo!

– Não há hospital...[chiado forte] ...nesta cidade pequena...[chiado novamente] ...nos ajude... – Balbuciou.

A ligação foi se perdendo até a conversa terminar. Atônito, o jovem se vestia rapidamente enquanto pensava naquela coincidência: tanto tempo sem conversar com os seus tios e, no momento exato em que faria uma ligação, a tia se antecipa, tendo a mesma ideia que ocupou a sua cabeça durante boa parte do dia. Para a criação de uma atmosfera ainda mais estranha, um pedido de ajuda a partir de uma ligação horrível, acrescido de uma descrição incompleta de uma situação que parecia ser grave. Sua saída de casa foi turbulenta, fechando as portas com rispidez e esbarrando em diversos objetos. Ao trancar a casa e passar pelas escadas, quase atropelou uma vizinha que estava entrando no apartamento ao lado. Era a senhora Talmer, a bisbilhoteira viúva dominada pela obesidade mórbida que se via constantemente cercada de gatos. Quando ela estava subindo as escadas, era quase impossível passar por ela sem ter que esbarrá-la. Lenson nunca recuava na escadaria quando a avistava, pois considerava que isto poderia ser uma ofensa a uma pessoa dotada de uma patologia tão sofrida.

– Nossa, está com pressa? – Perguntou.

– Tenho algo importante a resolver em Severant.

– Vai sair com esta chuva? – Continuou a vizinha.

– Não tenho opção. É algo sério. – Disse Lenson correndo escadaria abaixo.

O jovem mal saiu do campo de visão e a mulher falou sozinha, em um tom que seu comentário era inaudível ao jovem:

– Espero que vá com cuidado nesta estrada. Ao contrário, pode acabar como os seus pais.

A chuva continuava a cair e o vendaval a soprar. A noite já estava próxima de sua plenitude. Desafiando a intempérie, seguiu perseverante rumo à Severant. Era a primeira vez que passava pelo trecho que ficou marcado pelo acidente dos seus pais. Fragmentos do automóvel ainda podiam ser vistos ao lado da estrada, ainda que a carcaça tivesse sido retirada. Naquela chuva, contudo, centrou-se na estrada. Logo um longo caminhão que transportava carga viva – uma grande quantidade de frangos – estava à sua frente. Ainda que estivesse ansioso pela urgência da situação vivida em Severant, não ousou ultrapassar o caminhão. A falta de ousadia dele não se explica somente pela chuva, que era obviamente um agravante, mas, principalmente, pelo trauma recente. Assim, a viagem de 30 milhas de distância entre Whisper Creek e Severant, normalmente cumprida em 40 minutos, foi realizada em uma hora e alguns poucos minutos. Saiu da estrada principal e pegou o trevo para Severant, que ficava em uma baixada próxima a

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

estrada. Quando entrou na pequena área urbana da cidade, a chuva caía fina. Abriu o porta-luvas do carro e pegou o endereço dos tios, que estava naquele mesmo lugar desde a morte dos pais. Não se podia ver uma alma na rua naquele momento. Eis que, circulando a igreja presbiteriana que ocupava um lugar central na cidade, chegou à ruela que era o seu destino. Era uma via mal pavimentada e comprida, com uma casa aqui e outra acolá, todas com estilo arquitetônico que denunciavam o envelhecimento daquele povoado e a sua pouca expansão. Tara e Jales moravam em uma casa grande, com dois pavimentos. A hera cobria parte importante de sua fachada frontal, até avançar de forma desajeitada pelas vidraças das janelas. Parou o carro na frente da casa, ao lado de um velho automóvel de propriedade dos seus tios. Mal sabia que eles utilizavam um automóvel. Quando estiveram em Whisper Creek foram de táxi. Enquanto saía do carro e caminhava rumo à porta daquela casa, Lenson imaginava que estava prestes a conduzir os seus tios em outra viagem, desta feita para Flagstaff, cidade que possuía certa infraestrutura hospitalar. Eis que bateu à porta, açodado. Segundos depois, antagonicamente, um movimento delicado abriu a porta. Era a tia Tara. Estampou um sorriso e disse:

– Querido! Que surpresa você por aqui! Porque não nos avisou que viria?

Por um momento, avaliou que a péssima qualidade da ligação telefônica comprometeu o entendimento da tia, e, assim, perguntou Lenson:

– O tio Jales está bem?

– Sim, obrigado por perguntar. Por favor, entre! Esta chuva fina deve estar lhe incomodando.

Entrando na casa, que tinha a decoração marcada pela tapeçaria e mobília pesada e antiga, perguntou:

– O tio se recuperou, então?

– Recuperou-se do que?

– Do acidente. Ele não sofreu um acidente doméstico?

– Não. Porque você teve esta ideia? Você teve um pesadelo?

– Nada disso. A senhora me ligou no final da tarde de hoje me alertando sobre um acidente que o tio teria sofrido. A senhora me solicitou ajuda.

Confusa e incrédula, Tara fechou a porta e a trancou com as chaves. Coçou a cabeça grisalha e então colocou a mão sobre a testa de Lenson, que perguntou:

– O que a senhora está fazendo?

– Vendo se você está acometido pela febre. Quando a temperatura do corpo está muito alta, podemos ter alucinações. Mas você não me parece estar com febre.

– Estou bem e consciente das minhas ações. A senhora me ligou hoje me alertando sobre um acidente.

Nesse momento, descendo cuidadosamente as escadas da casa, Jales surgiu naquele ambiente, perguntando com uma expressão de bom humor:

– Que discussão é essa aqui embaixo?

– Jales... veja quem está aqui! O rapaz enfim veio nos visitar! Contudo, ele alega que liguei para a casa dele solicitando ajuda, por conta de um acidente que você teria sofrido.

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

– Que coisa! Posso lhe garantir que eu não sofri acidente algum. Tampouco a minha velha ligou para alguém. Afinal, o nosso telefone está sem funcionar desde segunda-feira. Nem se quisesse a minha senhora poderia ter ligado à sua casa. Sabe como são as coisas aqui em Severant! Somos muito mal assistidos pelos fornecedores de serviços. Acho que ainda ficaremos sem telefone por uns bons dias.

Perplexo, Lenson olhava para um ponto fixo enquanto pensava no telefonema que havia recebido. Eis que o seu estado letárgico findou-se pelo toque da mão de Tara em um dos seus ombros. Ela disse enquanto fez o gesto:

– Vamos ver pelo lado bom: ninguém se machucou e você veio nos visitar. Sugiro que esqueça este assunto e, já que veio até aqui, passe o final de semana conosco.

– Isso! Será uma maravilha a sua companhia! – Disse Jales.

Lenson balançou a cabeça positivamente e Tara solicitou licença para voltar à cozinha. O jantar estava quase pronto e o cheiro da comida já invadia aquela sala. Jales Donavan sentou-se no sofá ao lado do seu jovem parente e dissertava longamente sobre o cotidiano de Severant, apontando as dificuldades de se viver ali e, principalmente, enaltecendo a tranquilidade do lugar, como se estivesse querendo convencer Lenson a se mudar para aquele povoado, ainda que não dissesse isto com clareza. Tara colocava os pratos e talheres na mesa de jantar e solicitou ao tio e ao sobrinho:

– Sentem-se à mesa! Já vou trazer a sopa!

– Vamos lá, meu rapaz. Este cheiro é inconfundível para mim. São quase 45 anos apreciando o manjar dos deuses. É um dos pratos prediletos da minha senhora! – Disse Jales levantando-se e sentando-se à mesa.

Lenson o acompanhou. Tara trouxe a panela que continha uma sopa com pedaços de carne e gosto apimentado. Ela sentou-se à mesa e iniciou uma breve oração. Finalizou a oração dizendo:

– Pronto, agora vamos todos comer!

Lenson sentou-se em uma posição na mesa de jantar que ficava de frente para a escada. Entre uma colherada e outra de sopa ficava observando uma enorme escultura, de estatura pouco menor do que a de um homem médio. Tratava-se de um guerreiro de longas barbas e com uma roupa provavelmente característica do povo viking. Fixou o seu olhar na expressão facial amedrontadora da peça de arte. Enquanto ficava atento a escultura, a tia dominava o ambiente tagarelando sobre diversos assuntos que soavam enfadonhos aos seus ouvidos. Em um dos seus longos desenvolvimentos, Tara perguntou a Lenson a sua opinião sobre um tema banal, o que escancarou a sua desatenção:

– O que acha mesmo rapaz?

– Eu... desculpe-me! Estava desatento. – lamentou, para em seguida modificar o tema da conversa:

– Conte-me sobre aquela escultura que está no final do lance de escadas! Onde conseguiram aquilo?

Os seus tios se entreolharam e reinou, durante alguns segundos, um silêncio naquela mesa. Eis que, após um suspiro sofrido, Jales falou:

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

– Eu e a minha mania de juntar coisas velhas! Estive em um antiquário em Los Angeles, em Vermont Harbor, para encontrar luminárias que combinassem com esta casa. Eis que me deparei com esta escultura e quis saber mais a respeito dela. O vendedor, que também era o dono do estabelecimento, apresentou-se solícito e contou pacientemente a história da escultura. Esta peça tem pelo menos 250 anos. – discursou num só fôlego.

– Horrível! Esta peça foi motivo de brigas homéricas entre nós. Eu sou muito tolerante quanto aos gostos excêntricos do seu tio, mas esta escultura horrorosa foi demais! – Disse Tara impetuosamente.

– Ela não entende nada de arte! Não lhe dê ouvidos! Continue ouvindo: esta escultura faz referência à cultura viking e homenageia um importante guerreiro do passado. Esse guerreiro possuía o meu nome! Como poderia não comprar esta escultura? – Prosseguiu Jales, buscando uma racionalização dos fatos à sua maneira.

– Que bobagem! Já viu o machado que aquela escultura está empunhando? Afiadíssimo! Aquilo pode machucar alguém! – Disse Tara, insistindo em depreciar as ações do marido.

– Seria um perigo se tivéssemos crianças em casa! Não é o caso! O machado é uma peça real, que está encaixada na empunhadura da escultura. – Continuou Jales com empolgação crescente.

– Agora conte ao rapaz sobre as flores! – Disse Tara, criando um anticlímax para Jales, que rebateu, com veemência:

– Não venha com esta história de novo! Quanta superstição!

– Eu quero saber sobre as flores. Fiquei curioso, tio. Não estou aqui fazendo juízo de valor ou tomando partido. – Contemporizou Lenson.

– Mas é uma história boba! – Disse Jales.

– Que irei contar! Depois que a transportadora trouxe esta escultura horrível aqui para a casa, pude notar que os pequenos vasos de flores que ficam mais próximos dela não germinam! Quanto mais próximos da escultura, menos florescem os vasos. – disse Tara, utilizando-se de um argumento místico.

– Eu avisei que era uma bobagem tremenda! Já não chegamos à conclusão de que isso era explicado pela luminosidade? A casa possui entre os seus ambientes diferentes níveis de luminosidade. Se é necessária a luz em boa quantidade para que haja florescimento, qual é o mistério disso? – Rebateu Jales.

Tara virou-se para Lenson e disse, com a mão na frente da boca, como se quisesse excluir Jales da conversa:

– Os locais onde os vasos eram colocados não eram menos iluminados do que outras áreas da casa em que houve florescimento.

Vendo a irritação dos tios, o jovem tratou de mudar o assunto, trazendo-o para aquilo que os dois mais gostavam de falar: o viver em Severant. Continuaram apreciando o jantar e após todos estarem satisfeitos, Lenson ajudou a tia Tara com a cozinha. Era um espaço pequeno, mas muito bem organizado, com a cor branca dominando armários, fogão, geladeira e azulejos. Depois de lavarem os pratos, a tia foi até um dos cantos da cozinha, onde se encontrava uma gaiola com um casal de pintassilgos americanos. Trocou a água dos pássaros e os serviu com sementes. Enquanto Lenson e Tara estavam na cozinha atarefados, os pássaros impuseram o seu canto, coordenado e imponente.

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Deixaram a cozinha e foram até a sala, onde Jales aguardava-os sentado no sofá. Tara buscou roupa de cama nova para o seu sobrinho e todos os três subiram as escadas. Lenson parou em frente à escultura do guerreiro viking, que impressionava pelo nível de detalhamento. O rosto escultural, que carregava uma expressão de fúria, dava destaque para os tensos músculos da face. Os longos cabelos e as longas barbas adicionavam mais peso à imagem de guerreiro. Na armadura leve da escultura era possível ver manchas vermelhas aludindo ao sangue dos seus inimigos. Estas manchas também estavam presentes no machado, que, assim como Jales, o proprietário havia dito, era uma peça que poderia ser retirada de Jales, a estátua. A lâmina era muito mais afiada do que o bom senso poderia definir como um corte adequado para uma peça decorativa. O nome Jales estava sutilmente escrito no cinto que a escultura carregava. Estar diante daquela escultura causou uma estranha sensação: um misto de pavor e uma paradoxal vontade de continuar contemplando-a, como se o pavor fosse algo bom de ser cultivado. O estado meio hipnótico em que Lenson mergulhou ao examinar a escultura foi interrompido pela colocação de uma mão no seu ombro. Era a tia Tara:

– Deixe essa coisa horripilante aí. Daqui a pouco o seu tio vai achar que você aprovou a compra desta peça!

– Parece que ele já aprovou! Pare de implicar com essa estátua! Já passamos dessa fase! – Rebateu Jales.

– Não há possibilidade de alguém deste mundo aprovar uma escultura dessa dentro de uma casa. No máximo, e olhe lá, em um museu poderia arrumar admiradores. – Insistiu Tara.

Os tios desejaram boa noite e Lenson entrou no primeiro dos três quartos daquele corredor. Os seus tios dormiam no último quarto. Apesar de se tratar de um quarto acolhedor, um cheiro sufocante entrava nas narinas do jovem. Abriu as janelas e viu que caía chuva fina. Apesar de ainda serem dez horas da noite, não havia ninguém nas ruas. Concluiu que o cheiro forte vinha da poeira acumulada no chão e nos poucos móveis do quarto. Um criado que ficava ao lado da cama possuía uma grossa camada de poeira, escancarada pelo fato de Lenson percorrer o dedo indicador naquela superfície suja, revelando a verdadeira cor daquela madeira. Depois de ficar alguns minutos olhando pela janela a chuva fina que teimava cair no vilarejo, tentou dormir. Os lençóis sobre a cama também exalavam forte odor de tecido há muito tempo guardado. O frio não era insuportável, mas era suficiente para impedir o seu forte desejo de deitar-se na cama desnuda, sem os lençóis. Antes de deitar ainda havia tentado encontrar alguma roupa de cama em melhor estado dentro de um pequeno armário embutido. Ali jazia um cobertor cuja simples imagem fez o jovem tossir.

A noite de sono logo foi interrompida. Acordou com grande dificuldade respiratória, com a garganta seca. Olhou para o velho rádio-relógio que estava em cima do criado. Eram duas horas e vinte minutos na madrugada de Severant. Não havia opção: precisava de um copo de água. Ao lembrar que a cozinha ficava no primeiro andar e, principalmente, que teria que passar em meio à escuridão pela escultura do guerreiro nórdico, tentou voltar ao sono. Contudo, o incômodo foi muito maior do que o receio de transitar pela casa a noite. Levantou-se e foi ao corredor, local em que reinava uma intensa escuridão. Concentrava-se nas paredes para tentar encontrar o interruptor, que traria o alívio em forma de luz. Enquanto dava vários passos no breu viu o espectro do interruptor, posicionado caprichosa e quase ironicamente ao lado da escultura assombrosa. Tentou racionalizar os seus medos, esticando rigidamente o seu braço em direção ao interruptor, tentando ao mesmo tempo esconder de sua mente que em parte dela havia a consideração de que a escultura poderia naquele momento ganhar vida. Embriagado de

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

adrenalina, Lenson trouxe a luz ao ambiente. Com ela, desfrutou de uma orgásmica atenuação do medo. Eis que a luz encorajou passos firmes rumo à escada que o conduziria ao primeiro andar, momento em que pode contemplar, em um choque espaço-temporal de duração incalculável, uma imagem-cena viva, que lhe trouxe pavor: o tio Jales desequilibrado e apoiando-se na estátua de guerreiro homônimo, caindo escada abaixo e trazendo consigo a escultura, em um tombo doloroso. A escultura espatifou-se em algumas partes no meio da escada, expondo alguma estrutura interna de metal que lhe garantia estabilidade. Os detalhes da cena se perdiam em meio ao elemento mais chocante e que drenava toda a sua atenção. Caprichosamente, o machado trazido pela escultura atingiu o pescoço esbranquiçado e ressecado do tio, tal como um golpe de um carrasco descuidado, fazendo jorrar o sangue viscoso sobre uma fina peça de tapeçaria que era estendida sobre o centro dos degraus. Cena viva interrompida após o foco no olhar agonizante do tio, lembrando o de um peixe na vidraça de um frigorífico. A barulhenta cena foi acompanhada por piados agudos vindos da cozinha. Os pintassilgos cantavam alto, produzindo uma melodia tensa, avaliada talvez pelo estado de espírito do ouvinte e não como produto da intencionalidade dos artistas pintassilgos. Talvez estivessem cantando a plenos pulmões desde o início da cena. A despoluição sonora que imperou após o tombo permitiu, por sua vez, a percepção clara de cada nota daquela que se tornou uma melodia fúnebre.

Lenson esfregou os olhos e toda a algazarra macabra produzida pelo tombo fatídico se desfez. Olhou para a escultura de soslaio. A mesma permanecia no local de sempre, vigilante. Desceu as escadas sentindo as pernas bambas, apoiando por precaução no fino corrimão. Se as pernas indicavam uma limitação física, o que dizer de sua mente? De forma óbvia, tentava racionalmente concatenar a ligação telefônica misteriosa que havia recebido daquela que jurava ser a sua tia Tara com a visão do acidente do tio. Tentando construir uma solução rápida em sua mente, o que era explicado pelo fato de ser doloroso alimentar o caos dos acontecimentos incomuns, avaliou que a sua tia pode estar sofrendo de algum desequilíbrio mental: demência ou Mal de Alzheimer poderiam ser diagnósticos compatíveis com o fato da tia Tara não se lembrar de ter ido a um telefone público após ter comprado pães franceses na padaria desacompanhada do marido. Nessa ocasião poderia ter feito a ligação telefônica maluca. Avaliou também que a visão da morte do tio, tendo como protagonismo um desequilíbrio difícil de ser explicado e a estátua foram truques de sua mente, alimentados pela ampla discussão sobre a escultura envolvendo os seus tios. Justamente aquele que defendia a aquisição da estátua e a colocação como peça de decoração na casa foi quem perdeu a vida pela lâmina inadequadamente amolada daquela peça de arte. Talvez uma forma estranha de sua mente julgar que o tio agiu errado e com mal gosto por adquirir e decorar a casa com algo medonho, ainda que se reconheça as habilidades do artista que o esculpiu.

Após racionalizar ficou com a mente mais leve, restando uma preocupação de como indicar à tia Tara um exame neurológico que pudesse atestar sua sanidade. Ao entrar a cozinha, acendeu a luz e serviu água à vontade. Eis que os pintassilgos começaram a cantar, com o mesmo timbre, frequência e intensidade percebidas durante a fatídica cena ilusória da morte do tio. Olhando para aqueles pássaros engaiolados com perplexidade, concluiu no intento de buscar o alívio de sua mente, que a coincidência sonora não poderia significar absolutamente nada. Com a sede saciada, deixou a cozinha rumo às escadas, passando pela sala. Quando chegou aos pés da escada, mal pode assimilar: estava diante de uma nova cena, claramente ilusória, mas suficientemente próxima à realidade para ser impedida. O caráter ilusório logo era denunciado pela palidez súbita que acometia as cores, substituindo a vivacidade colorida da realidade. Foi

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

na dimensão da ilusão que Jales, o tio, caminhou em direção as escadas, olhou para o sobrinho que atônito observava no primeiro andar da casa, coçou os ralos cabelos brancos e subitamente perdeu o equilíbrio, buscando a estátua como apoio, tal como na primeira visão que tinha tido. A estátua sucumbiu, vindo ao chão escadas abaixo tal como o tio, enquanto a pequena janela indicava a incoerência temporal que também denunciava o caráter ilusório da cena: feixes de luz solar penetravam no recinto através de uma janela de frente a posição original da escultura. Lenson sabia, afinal, que não eram muito mais do que três horas da manhã. A *causa mortis* de Jales se repete, fragmentos da estátua se espalham, enquanto a lâmina afiada do machado rasgava o pescoço. Como trilha sonora, pintassilgos produzindo um piado agudo e sofrido. O seu olhar tentava avidamente captar todos os detalhes da cena, e, inexplicavelmente percorriam todo o chão. Como detalhe percebido, próximo a porta de entrada da casa, que não ficava muito distante do vão da escada, jazia um jornal aparentemente intocado pelo leitor. Era a última memória da ilusão em questão, truque mental que mais uma vez o atormentava.

Qual seria a probabilidade de eventos tão enigmáticos serem reunidos em um espaço de tempo relativamente curto? O telefonema misterioso é sucedido por um conjunto de duas visões. Há relação causal? São questões que intrigavam Lenson. Então, convicto, concluiu: O telefonema misterioso estava ligado às visões. De tal forma que a ligação enigmática, seja proveniente de sua tia, de um engano telefônico a partir de uma voz que se assemelhava à da mesma, ou ainda de um evento paranormal, poderia se constituir como razão intencional de forças não conhecidas a favor de sua presença na pacata Severant. Sua presença na casa dos tios, por sua vez, seria necessária para impedir a fatídica tragédia anunciada pelas ilusões. Tragédia essa que, a partir do detalhamento da última cena ilusória, estava programada para ocorrer de manhã, quando os primeiros raios de sol vindos do leste irromperiam a janela compondo o arranjo fúnebre da morte de Jales, ironicamente causada pela lâmina afiada do machado de escultura homônima.

Tais conclusões trouxeram-lhe uma certeza patológica que extirpou o beneplácito da dúvida. Adquiriu por intermédio de sua certeza uma coragem incomum, tornando-lhe capaz de caminhar decididamente na direção da escultura, em passos firmes degrau por degrau. Diante da mesma, observando que a arma que carregava era encaixada, retirou-a cuidadosamente de suas mãos. De posse daquele objeto, que era mais pesado do que poderia imaginar, pensava em um destino apropriado ao artefato. Inicialmente imaginou o próprio quarto em que dormia. Vetou a possibilidade instantes depois de formular a hipótese, por considerar que o resto de sua noite de sono seria muito prejudicado ao se deitar tão próximo do objeto que, mesmo no campo das ilusões, causou a morte do tio. Desceu com o machado em mãos até a cozinha. Subiu em uma pequena banqueta de forma muita cuidadosa e colocou o machado em cima do armário da cozinha. O piado insistente do casal pintassilgos parecia estar mais alto e com menor intervalo.

Ao sair da cozinha, um alívio tomou conta de sua alma. Subiu tranquilamente com o sentimento de dever cumprido e foi ate o quarto em que dormia. O radio-relógio já marcava 3:50 da manhã. Colocou o aparelho no colo e programou a função despertar para às 5:50, de modo a acordar antes que os primeiros feixes de luz penetrassem pela janela próxima a Jales, a escultura. Deitou-se na cama e, apesar dos momentos agitados que passara minutos antes, logo adormeceu.

Acordou e olhou para o rádio relógio, com medo da função despertar não ter sido corretamente programada. Eis que acordara alguns poucos minutos antes do horário programado. Foi até a janela do quarto, puxou a cortina para o lado e viu que o sol começara a nascer. Em um misto de apreensão e ansiedade, levantou-se e caminhou até o sofá, posicionado estrategicamente no

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

piso inferior da casa. Sentou-se nele e de lá tinha a visão privilegiada das escadas. Naquele momento, sentado e reflexivo, imaginava que toda a sua mobilização tinha certa possibilidade de ter sido em vão. Pensava também que talvez fosse ele quem tivesse que visitar um profissional que pudesse avaliar a sanidade da mente. Afinal, em que medida a morte trágica e súbita dos seus pais poderia ter interferido no juízo dele? Enquanto direcionava a preocupação quanto ao estado mental de tia, poderia ser ele a vítima de alterações mentais de fundo patológico. Pelo menos, ao pensar nessas questões, imaginava que o confronto entre a realidade e a imaginação estava presente, não estando ele aprisionado no mundo da ficção. Contudo, considerava que o desfecho daquela manhã, quando os raios de sol penetrassem lateralmente na janela em frente à escultura desenhando o cenário construído por uma de suas ilusões, poderia esclarecer se havia desenvolvido algum dom premonitório ou se precisaria marcar hora com algum psiquiatra.

Por volta das 6:15 da manhã, a tia surgiu naquele ambiente, descendo os degraus vivamente, sem ter notado a ausência do machado na escultura que tanto se opunha, mas suficientemente animada para dizer sorrindo:

– Bom dia! Acordou muito cedo!

– Sempre acordo, tia. – respondeu de maneira não muito honesta no intento de não adentrar nos pormenores de sua agitação noturna.

– Pois bem! Vou fazer umas torradas e ovos mexidos para o café. Fique a vontade, querido. O seu tio já acordou. Creio que não demorará a descer.

– Tudo bem, tia. Vou esperar.

Enquanto aguardava, um objeto foi arremessado por debaixo da porta. Era o jornal do dia. Deslizou no chão e estacionou-se harmoniosa e enigmaticamente na exata posição registrada pela sua última ilusão. Tal acontecimento já foi suficiente para elevar-lhe a palpitação. Sentiu a boca seca, mas se negou a deixar o sofá para ir a cozinha buscar um copo de água, como se fosse um disciplinado soldado norte-coreano em um posto avançado de fronteira. Passou a olhar fixamente a janela, percebendo que, para o aumento de sua ansiedade, os primeiros feixes de luz solar começaram a penetrar por ali, incidindo na escultura de Jales e nas paredes do lado oposto à janela. Foi o suficiente para a palpitação aumentar de modo semelhante a alguém em um estado de pânico absoluto. O que não era de se estranhar, pois qualquer avaliador honesto com certa trajetória clínica poderia chegar a essa descrição sobre sua condição, dado ao seu estado semicatatônico. Então, eis que a cereja do bolo é colocada em seu devido lugar: o seu tio surge, caminhando vagarosamente próximo às escadas, em frente à escultura. Olhou para o sobrinho e coçou a cabeça, na mesma ordem dos eventos sequenciados na sua ilusão. Foi neste momento em que Lenson rompe a letargia catatônica e disse em alto tom:

– Não desça os degraus sozinho, tio Jales!

O tio processou a mensagem, mas tentou ignorá-la, por não perceber sentido na pronúncia imperativa do sobrinho. Eis que Lenson, embriagado pela adrenalina, arrancou do sofá em uma esplêndida demonstração de explosão muscular e subiu as escadas, na tentativa de impedir que o tio as descesse sem amparo. Com apenas uma perna degrau adentro, Jales, o tio, viu o braço agarrado pelas duas mãos do sobrinho. Sem saber como processar aquilo que a seu ver não se passava de um devaneio juvenil, mobilizou suas forças para se libertar do apoio de Lenson. Nesse arranque, libertou-se subitamente das mãos do sobrinho, caindo, contudo, em um estado de profundo desequilíbrio que o fez apoiar desesperadamente no braço de Jales, a estátua.

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Apostando equivocadamente na capacidade na estátua de se constituir como um anteparo ao seu desequilíbrio, Jales, o tio, continuou a cair, dessa vez em companhia de Jales, a escultura. Em novo estado catatônico, incapaz de esticar um braço para impedir que um dos Jales fosse ao chão, Lenson assistiu um tombo massivo, estrondoso, causador do arremesso de fragmentos da estátua escada a baixo e de, muito provavelmente, fraturas na estrutura óssea septuagenária de Jales, o tio. Este ainda estava consciente, tendo forças para bradar, mesmo estando sobre parte importante do corpo da estátua, que naquela altura poderia ser chamada propriamente de escombro.

– Você está louco?

Observando que o vão deixado pela ausência do machado se alinhava com perfeição com o pescoço do tio, Lenson ignorou os dolorosos gemidos de agonia e, convicto que havia feito um bem, concentrou-se aprioristicamente no papel que julgava ter desempenhado: o de um herói enviado para evitar uma tragédia maior. Tanto que, com uma voz não muito firme, conseguiu pronunciar, mesmo imerso na zona semicatatônica:

– Tio, eu te salvei!

Expressando facialmente sentimentos entre a dor aguda de sua queda e a rejeição daquilo que o sobrinho acabara de dizer, Jales tentava retirar a estátua de si. O silêncio daquele momento contrastava com o ruidoso barulho do incidente recém-ocorrido. O silêncio era, ao mesmo tempo, estranho e despertava calafrios. Afinal, imaginou Lenson, porque diabos a tia Tara não estava ali, atraída pela barulheira infernal que se sucedera?

Concentrado nesse fato, o jovem desceu os degraus rumo a cozinha, com o foco na tia. Passou pelo tio caído aos degraus da escada ignorando os seus pedidos de ajuda. Ao chegar ao mesmo nível da cozinha, ouvia o piado agudo de uma ave. Era um piado diferente do característico. Não era dobrado, como se o casal estivesse harmoniosamente a construir uma melodia. Mas era um piado ainda mais melancólico e agudo. Claramente isto era somente um detalhe. O foco era entender a ausência da tia na sala. Ninguém pode estar tão concentrada assim fazendo o café.

A resposta veio em uma imagem dolorosa. Focando no piso de mármore branquíssimo, assistiu uma poça rubra se agigantando, em um contraste quase artístico. A velocidade de movimentação dessa poça indicava algo sério, como se confirmou. O jovem passou a ter dificuldade extrema em avançar em cada passo, mas longo viu, com os músculos petrificados de pavor, o corpo da tia deitado desajeitadamente ao chão da cozinha, com o machado ensanguentado ao seu lado. A porta do armário da cozinha estava aberta. Justamente o armário em que repousava em sua porção superior o artefato de Jales, a escultura, colocada por Lenson. O machado acertou em cheio a cabeça da tia que, ao sentir a porta do armário emperrada, forçou a sua abertura, no intento de pegar o pó de café. O que emperrava a porta do armário era justamente a presença do machado. Ao conseguir abri-la, Tara mal pode processar que se tratava de sua última realização em vida. A lâmina acertou em cheio a cúpula do seu crânio, fazendo os seus olhos quase saltarem. O sangue, que naquela altura já invadia a sala e cercava o calçado de Lenson, ainda não era visto por Jales, o tio. Os olhos fortemente tomados pelas lágrimas foram ainda capazes de ver um dos pintassilgos piando em um tom altíssimo, como se indicasse profundo desespero, enquanto o outro animal do casal estava deitado na base da gaiola, inerte, com olhos vidrados, sem vida. Na cabeça, apesar do fato objetivo de uma das aves estar morta, era como se o casal de animais tivesse tentado lhe avisar sobre a burrice de colocar um machado no alto do armário da cozinha, enquanto que, agora, o animal que não havia ainda sido vitimado pelo desespero dos acontecimentos estava condenando-o pela atitude.

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Lenson deixou a cozinha. Ignorou Jales, o tio, que perguntava onde estava Tara e solicitava ajuda. Ignorou fragmentos de Jales, a escultura. Agachou-se próximo a porta e pegou o jornal que estava ao chão. Colocou-o debaixo do braço. Abriu a porta da casa e partiu caminhando pela cidade, atravessando-a e também ignorando o seu carro estacionado em uma das ruas de Severant. Naquela altura não tinha condições de responder as mais simplórias indagações, como, por exemplo, qual era o seu nome. Mas teve a iniciativa de ficar a margem da rodovia solicitando carona aos caminhoneiros. A única coisa consciente que o incomodava era estar perto daquela cidade. Havia um sentimento ruim associado àquela paisagem. Naquela altura não saberia dizer nem mesmo a um psiquiatra a origem desse sentimento. Por isso, menos de duas horas após os fatídicos acontecimentos vivenciados, Lenson estava na condição de carona em um caminhão, sem ter a mínima condição de saber para onde diabos se dirigia.

RECITAL – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.
ISSN 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital